



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LAÉRCIO ELIAS PEREIRA**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-675

**Entrevistado:** Laércio Elias Pereira

**Nascimento:** 11/10/1948

**Local da entrevista:** Via Internet (Skype). Entrevistado em Atibaia (SP) e entrevistadora em Porto Alegre.

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 25/03/2016

**Transcrição:** Marina Albugeri

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 17 minutos e 29 segundos

**Páginas Digitadas:** 21 páginas

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação Acadêmica; Atuação Profissional; Centro de Estudos e Documentação em Educação Física, Esporte e Lazer do Maranhão; Envolvimento com o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte; Pesquisas das Humanidades no Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte; Envolvimento com associações; Sociedade Brasileira para o Progresso da Educação Física; Pesquisa de História da Educação Física; Mestrados e Doutorados em São Paulo; o desenvolvimento da Educação Física na Universidade Estadual de Campinas; Envolvimento com as Ciências da Informação; o Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva; o Centro Esportivo Virtual; Nomeação do Centro de Memória; acompanhamento dos Centros de Memória; Rede de Centros de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer; Congresso de Informação e Documentação Esportiva; Palavras Finais.

Porto Alegre [e Atibaia], 25 de março de 2016. Entrevista com Laércio Elias Pereira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Laércio, primeiro muitíssimo obrigado por dispor do seu tempo. Eu queria que você começasse contando sobre a sua formação, desde quando entrou na Educação Física.

E.P. – Eu sou de São Caetano do Sul<sup>1</sup>, onde todo mundo trabalha na General Motors<sup>2</sup> na juventude. Eu era ferramenteiro, fiz Senai<sup>3</sup>, esse tipo de coisa, trabalhei seis anos na indústria automobilística e fui fazer vestibular para sociologia. Durante o vestibular eu fiquei sabendo que tinha Educação Física, eu nem sabia que existia, aí lembrei dos meus professores ótimos do ginásio: Valderbi Romani, do Senai, Renato<sup>4</sup> no Senai de Santo André<sup>5</sup> e Millher<sup>6</sup>, o Tuta<sup>7</sup>, no Senai do Brás, e achei o máximo ser professor de Educação Física. Dai sarou a minha gastrite automobilística e eu estou até hoje. Fiz USP<sup>8</sup>, eu sou um 68, eu fiz o primeiro ano em 1968, fazia o jornal da faculdade, acho que aí entra a documentação. Eu fazia um jornalzinho chamado Opinião, acho que a polícia até invadiu a faculdade por conta do jornal [risos]. Tive que fugir algum tempo e tal, ainda estudante... A sede do Exército era bem em frente à escola, então, a gente era muito visto. E aí fiz graduação, sempre trabalhei... Comecei a trabalhar com handebol, fui técnico de handebol. Daí, fui para a olimpíada<sup>9</sup>, fui ser voluntário na Olimpíada de Munique<sup>10</sup>, onde foi a primeira vez o handebol, assim que eu me formei. Quando voltei comecei a minha peregrinação por um monte de escolas, então, fui para o Maranhão salvar a humanidade. Daí trabalhei em um monte de lugar, trabalhei em Mossoró<sup>11</sup>, trabalhei na Paraíba, na UDESC<sup>12</sup>, na Serra Gaúcha<sup>13</sup> aí perto, Brasília, São Paulo várias vezes, fui professor da

---

<sup>1</sup> Cidade do estado de São Paulo.

<sup>2</sup> Indústria Automobilística.

<sup>3</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>9</sup> Jogos Olímpicos.

<sup>10</sup> Jogos Olímpicos de Munique, realizados em 1972.

<sup>11</sup> Cidade do Rio Grande do Norte.

<sup>12</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>13</sup> Região do Rio Grande do Sul.

UNICAMP<sup>14</sup> também. Numa época ótima, porque também estava o Manuel Sergio<sup>15</sup> e o Medina<sup>16</sup> e foi muito legal, foi um time muito bom na UNICAMP, é uma felicidade boa, essa época.

C.M. – Na universidade você entrou quando?

E.P. – Eu entrei para a universidade, 1968.

C.M. – E para ser professor?

E.P. – Então, já em 1968 eu fui. Porque teve a Olimpíada de 1968<sup>17</sup>, e uma professora foi para a Olimpíada e eu fiquei no lugar dela. E aí eu comecei a trabalhar desde o primeiro ano, e aí em seguida tive muita sorte, porque eu arranjei um trabalho para surdo e cego que o meu amigo da classe perguntou se tinha braço e perna, eu achei interessante [risos]. É uma gozação, como é que trabalha com surdo e cego, mas foi a primeira escola de surdo e cego da América Latina, bem legal, aprendi muito. E também tive sorte de começar a trabalhar no Ginásio vocacional<sup>18</sup>, que depois a ditadura mandou fechar. Era uma escola integral, era muito boa, minha escola para você ter uma ideia tinha quatro quadras, tinha vestiário para professores, tinha um teatro dentro da escola, eram oito horas por dia, era o dia todo. E a primeira aula do dia, o professor que tivesse a primeira aula lia os jornais do dia para os meninos. A líder desse movimento foi a professora Maria Nilde Mascelani, que é hoje o movimento do ginásio vocacional. Em São Paulo muitas lideranças saíram depois, eram oito ginásios vocacionais, foi uma experiência tão boa que fecharam. Mas aí eu sempre segui meio experimental, eu gostei... Daí conheci, eu sou um cara anarquista de baixo teores, então, caminhei sempre... a Summerhill<sup>19</sup>, eu gosto, atualmente eu sigo a Lumiar<sup>20</sup>, Escola da Ponte<sup>21</sup>, fico agoniado que a Educação Física não presta atenção

---

<sup>14</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>15</sup> Manuel Sérgio Vieira e Cunha.

<sup>16</sup> João Paulo Subirá Medina.

<sup>17</sup> Jogos Olímpicos da Cidade do México.

<sup>18</sup> Proposta de ensino ginásial integral, implantado na década de 1960 em algumas cidades de São Paulo.

<sup>19</sup> Escola da Inglaterra que integra o movimento de “Escolas Democráticas”.

<sup>20</sup> Escola Lumiar de São Paulo que tem uma metodologia baseada em atividades de aplicação prática.

<sup>21</sup> Escola de Portugal que integra o movimento de “Escolas Democráticas”.

nessas coisas. E eu sei do valor da escola experimental, porque eu trabalhei nisso, não é uma invenção ou utopia talvez. Dentro desse processo, eu fiz graduação, a minha luta no centro acadêmico, no jornal e tudo, foi para Educação Física ir para a USP, deu certo. Fui da primeira turma a receber o diploma pela USP, era uma escola isolada, a gente participou de um monte de assembleia na época. E era uma época que duas pessoas conversando já podia ser considerado um ato subversivo, então, foi bem emocionante. Depois que eu fui para o Maranhão, em 1973, aí voltei da Olimpíada, era cheio de curso e desempregado, fiz um monte de curso, não adiantou nada. Fui vender livro e tal, nessa de vender livro eu fui dar curso de handebol, e aí enrosquei no Maranhão e fiquei por boa parte da vida no Maranhão, na verdade. Em 1977, fui fazer o mestrado na USP, a primeira turma também, voltei para o Maranhão, passei pela UNICAMP. Aí fiquei rodando, porque também tem essa história de atuação, minha militância é associação. Então, assim eu ajudei a fundar a Associação de Professores da Universidade do Maranhão<sup>22</sup>, a APRUMA, e aí era uma perseguição danada [risos], porque o reitor era um coronel cruel. Eu acabei indo parar na UNICAMP com licença do Ministério<sup>23</sup> também, fui assessor do Ministério porque o ministro me salvou, Marco Maciel<sup>24</sup> me salvou. E aí o reitor conseguiu mais um mandato, uma jogada lá e, eu continuei mal na universidade, porque eu era secretário regional da SBPC<sup>25</sup> e, esse reitor que era um coronel, o primeiro ato que ele fez foi colocar na ilegalidade todos os diretórios acadêmicos e associação docente. A gente tinha uma sede dentro da Universidade e perdemos tudo, telefone e tal. E aí eu estava organizando uma reunião regional da SBPC, bem legal, oitocentas pessoas participaram, só que o reitor foi vaiado quinze minutos na abertura, ou seja, eu fiquei com a minha cabeça a prêmio, só não fui mandado embora porque a direção da SBPC me segurou. Devo essa ao professor Warwick Kerr, que estava passando uma temporada como professor lá na época. Mas daí ficou impossível de continuar no Maranhão, foi aí que eu fui parar no Ministério, o reitor pegou uma carona de recondução, eu fui para a UNICAMP, a convite do João Tojal<sup>26</sup> e, depois da UNICAMP voltei para o Maranhão, depois voltei para o doutorado, do doutorado eu me envolvi com a escola do futuro, por conta... Escola do Futuro da

---

<sup>22</sup> Universidade Federal do Maranhão.

<sup>23</sup> Ministério da Educação e Cultura.

<sup>24</sup> Marco Antônio de Oliveira Maciel.

<sup>25</sup> Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

<sup>26</sup> João Batista Andreotti Gomes Tojal.

Comunicação<sup>27</sup> e, o meu doutorado começou na comunicação, Ciência da Informação. E aí no meio do doutorado o reitor caiu e o pessoal me chamou de volta para o Maranhão. E eu falei para o meu orientador Frederic Litto<sup>28</sup>, morrendo de pena, que eu ia abandonar o doutorado para retomar a Universidade do Maranhão, ele me apoiou e depois mais tarde eu voltaria, depois de aposentado eu voltaria para terminar esse doutorado. Já agora na UNICAMP, o Fred Litto como co-orientador e o João Tojal como orientador. E foi o Centro Esportivo Virtual, que faz vinte anos que está no ar [risos], essa é a história.

C.M. – O mestrado foi sobre o que Laércio?

L.P. – Mulher e esporte.

C.M. – Foi em que época?

L.P. – Foi o primeiro mestrado, 1977. Mas eu acabei no último minuto do segundo tempo, que foi... E demorei oito anos, que eu voltei do Maranhão, terminei na praia e tudo. Mas aí nesse mestrado foi bem legal que eu era representante discente, então, eu fiz muitos contatos com os outros cursos, então eu fiz disciplinas de sociologia na Educação, conheci o Litto na Comunicação. Então, assim a minha função era tentar sair do curso horrível que era a Educação Física, era um curso de graduação cheio de alemão e, eu tentava que tivesse mais ligação com Ciências Humanas. E aí como eu tinha sido ferramenteiro, eu queria fazer alguma coisa de Educação Física do trabalhador, eu estava fazendo a disciplina com Celso Beisiegel<sup>29</sup>, que é o paulo freiriano<sup>30</sup> da USP na Educação, daí eu cheguei e pedi uma audiência com ele [risos], eu sempre treinei time feminino, eu falei: “Olha, tem a Carlos Chagas<sup>31</sup>, que está fazendo um movimento para apoiar pesquisa sobre mulher e eu estou tentando fazer uma sobre trabalhador. O que o senhor acha do ponto de vista sociológico?”. Na verdade eu acabei fazendo isso mesmo, sobre socialização da mulher no esporte. Tinha uma professora, minha amiga, que estava nos Estados Unidos, fazendo doutorado sob a orientação da Janet Teeple, que mais tarde seria presidente da Sociedade

---

<sup>27</sup> Escola do Futuro, ligada à Escola de Comunicação e Artes da USP.

<sup>28</sup> Frederic Michael Litto.

<sup>29</sup> Celso Rui de Beisiegel.

<sup>30</sup> Referente a Paulo Reglus Neves Freire.

<sup>31</sup> Fundação Carlos Chagas.

de Sociologia do Esporte Americana, mais para frente ela foi isso, esqueci o nome. Mas ela tinha um questionário sobre a socialização das mulheres no esporte, a professora me ajudou a traduzir, foi bem legal. Essa professora depois ela foi editora do *Research Quartely*<sup>32</sup>, é uma pesquisadora importante. Eu não consegui trabalhar com ela porque... Meu inglês é ruim também, eu estava no Maranhão também e ali eu estava com outras coisas, perdi uma grande chance na Sociologia do Esporte nessa possibilidade. E aí o que aconteceu eu fiz uma dissertação naquele jeito, na praia e, a banca queria... Eu entreguei no último minuto e a banca queria me reprovar [risos]. E aí um professor da USP resolveu que eu não deveria passar, eu fiquei em pânico, mas por sorte na minha banca estava uma professora da Faculdade de Educação, Zilda Augusta Anselmo, com quem eu tinha feito a disciplina Teorias da Aprendizagem, ela falou: “Não, minha nota é dez” e aí teve uma briga de meia hora entre os dois. Resultado, eu me defendi, meu orientador em vez de me dar a nota maior ficou entre os dois, entre o seis e o dez e, acabei passando, umas nota assim, passei. Mas eu escondi a tese e sai do tema. Muitos anos depois no CONBRACE do Espírito Santo<sup>33</sup>, uma minha amiga do Maranhão, minha ex estudante falou: “Olha, eu soube da tua tese pela Fúlvia Rosemberg<sup>34</sup>” para você ter uma idéia a Fúlvia Rosemberg é uma mulher que estuda mulher, da Fundação Carlos Chagas. Então, eu falei: “Pelo amor de Deus, a mulher leu o meu trabalho”. Eu escondi e tal: “lá vem mais chumbo” [risos]. E aí foi naquele período da Elaine Romero, não sei se você acompanhou, a Elaine escreveu sobre mulher e esporte e, a Fúlvia fez uma revisão bibliográfica. E aí ela escreveu que o melhor trabalho que tinha sido feito no Brasil até o momento era a dissertação do Laércio, olha só [risos]. Tirei cópia e fiquei com vontade de mandar para o professor da USP que queria me reprovar, mas aí perdi o pique. Mas também eu já tinha saído desse tema, já tinha ficado mais na Comunicação e, acabei não levando a frente. De vez em quando alguém estudando mulher no esporte conversa comigo sobre o que eu fiz e tal, tem a gentileza de me citar no trabalho, no bom sentido, mas é legal, fiquei por aí. E nesse mestrado que eu fiquei conhecendo o Litto, foi o grande cara da minha formação acadêmica, Frederic Litto. Que é um especialista da Escola do Futuro, eu estava com ele na criação da Escola do Futuro na USP e, até hoje é meu grande amigo, a gente conversa toda semana. Ele é presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância, ele fez uma

---

<sup>32</sup> Research Quartely. American Physical Education Association, hoje conhecida como Research Quartely for Exercise and Sport.

<sup>33</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Vitória no ano de 1995.

<sup>34</sup> Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg.

palestra para a gente em Belo Horizonte, sobre Educação Física e Educação à Distância. Ele me acompanhou, quando eu fui falar que eu desisti do doutorado, em vez de ele me dar bronca, ele me deu incentivo, eu falei para ele: “Ó, vou abandonar o doutorado. Vou voltar para o Maranhão que a minha turma tomou o poder lá”. Daí como ele é doutor em teatro, ele falou que tinha um sujeito chamado Grotowsky<sup>35</sup>, que morava na capital e depois ele foi para o interior e fez um dos melhores trabalhos do teatro do século XX. Então, ele me incentivou a voltar para o Maranhão. E depois eu retomei o trabalho e, quando eu fui fazer o CEV<sup>36</sup> contei com ele de novo, ele foi da banca, bem legal, e foi isso. Falei muito, nossa mãe.

C.M. – Não, está ótimo Laércio.

L.P. – Vai puxando aí, porque se não eu viajo.

C.M. – Laércio, você poderia falar sobre o CEDEFEL<sup>37</sup> do Maranhão?

L.P. – Então, o CEDEFEL foi uma criação da Secretaria de Esporte, no começo da década de 1980. Quando eu me transferi, com o meu automóvel e meus livros para a Paraíba e deixei um monte de documento que a gente tinha que era da Secretaria de Educação, que a gente tinha que criar uma Secretaria de Esportes e tal. Daí o pessoal ligou da Paraíba, aquelas histórias abriram concurso para a Paraíba, eu fiquei na casa do João Freire<sup>38</sup> incomodando três meses, fiquei treinando o time de handebol e já era um paraibano, quando o pessoal diz: “Volta que criaram a secretaria e, você precisa trabalhar na ideia que você ajudou a criar”. Daí eu peguei meu carro velho, enchi de livro de novo e voltei para o Maranhão. Daí quando eu cheguei lá, como eu cheguei nessa circunstância do cara que ajudou a criar, eu pude fazer bastante coisa, eu fui para a assessoria do secretário direto, e aí puxei a história da documentação, informação e tal, e ele deu toda a força, aí que foi o CEDEFEL. A gente, Leopoldo Gil Dulcio Vaz e eu, criamos uma sessão dentro da secretaria que daria apoio ao CEDEFEL, para você ter uma idéia o *Research Quarterly*, que era a maior revista da época de Educação Física, pesquisa e tal, a gente comprou a

---

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>36</sup> Centro Esportivo Virtual.

<sup>37</sup> Centro de Estudos e Documentação em Educação Física, Esporte e Lazer do Maranhão.

<sup>38</sup> João Batista Freire da Silva.

coleção inteira para o Maranhão, o único lugar que tem esse periódico. Estava tudo em microfilme, a gente comprou o microfilme desde 1930. Assim... sumiu depois, mas para você ter uma ideia eles me apoiaram na ida para a Colômbia, para esse encontro de documentação esportiva, foi a secretaria que me apoiou. E aí escrevi no telex, eu lembro de escrever lá de Medellín<sup>39</sup>... “Olha, pode ser a segunda aí no Maranhão?” e o Jota Alves da Comunicação falou: “Falei com o secretário, pode assumir aí, que a segunda conferência vai ser em São Luís”. Mas aí tem mudança política, já não era mais o secretário, não consegui dar continuidade. Mas lá foi legal que eu conheci bastante gente da IASI<sup>40</sup>, que hoje eu ainda estou. Para você ter uma ideia, essa reunião da IASI que eu consegui fazer no Brasil, em 2006. Vinte e seis anos de batalha [risos], desde essa época que eu tentei levar para o Maranhão, eu vinha batalhando e não tinha jeito, para ver se eu fazia a reunião no Brasil, só consegui fazer isso em 2006. Que eu já te contei que foi um desastre a reunião etc, etc. Mas foi legal, foi um quarto de século de luta [risos].

C.M. – Laércio, como que começou seu envolvimento com o CBCE<sup>41</sup>?

L.P. – Então, eu sou amigo do Victor Matsudo<sup>42</sup>, de juventude, sou de São Caetano<sup>43</sup> como ele. Eu admiro muito o Victor, tem isso. Para você ter uma ideia a importância do Victor, quem foi o grande idealizador do CBCE foi o Victor. Quando a gente fez o mestrado na primeira turma todos os estrangeiros que vinham, e eram pessoas importantes dentro das áreas, eles achavam que o mestrado era em São Caetano. Eles não sabiam, eles falavam: “Não, como USP? Não é São Caetano?”. E eles davam aula e corriam para São Caetano para ver o banco de dados de São Caetano. A gente tinha lá, tem até hoje, o CELAFISCS<sup>44</sup>, o que era: eu era o diretor do SESI<sup>45</sup> na época, bem no começo... Eu era diretor do SESI e eu fiz com o Victor, ajudava o Victor a fazer uma olimpíada colegial. Essa olimpíada colegial foi crescendo, a gente fazia o Simpósio de Esportes Colegiais de São Caetano, era um grande simpósio e tal, ao mesmo tempo... era ditadura, lembra... Era difícil de se reunir e o pessoal que a gente chamava, que era os torturadores, isso é intriga [risos], se reuniram

---

<sup>39</sup> Cidade da Colômbia.

<sup>40</sup> Associação Internacional para a Informação Esportiva.

<sup>41</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>42</sup> Victor Keihan Rodrigues Matsudo.

<sup>43</sup> Cidade de São Caetano do Sul (SP).

<sup>44</sup> Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul.

<sup>45</sup> Serviço Social da Indústria.

na Federação de Medicina Esportiva [risos], e aí o que acontecia o pessoal de São Caetano era.... E os amigo da volta, o pessoal que era do Rio<sup>46</sup> que iam para São Caetano, que conhecia, São Caetano produzia muito e, nos Congressos de Medicina Desportiva quem produzia era o pessoal da Educação Física. E aí o que aconteceu? A gente falou: “Olha, não podemos nem ser sócio e a gente está dando força para esses caras da federação, vamos encarar”. E aí teve a reunião que eu já contei, não sei se você chegou a ver o vídeo que eu contei como foi a reunião, não sei se falo aqui...

C.M. – Se você puder falar, por favor.

L.P. – Então, o que aconteceu, em 1976 ia ter um Simpósio de Esportes Colegiais, a gente chamou o presidente da Federação de Medicina Esportiva, a ideia era assim: vamos dar uma prensa, que o professor de Educação Física apresenta a maioria dos trabalhos e não pode nem ser sócio. E aí estávamos nós cinco, que aí consideramos fundadores do Colégio, que é o Victor Matsudo, o Paulo Chagas<sup>47</sup> do Rio de Janeiro, eu, o Cláudio Gil<sup>48</sup> e a Fátima Duarte<sup>49</sup> que está hoje em Santa Catarina. Chamamos o presidente para a reunião, dentro do Simpósio de Esportes Colegiais, e aí quando começou a reunião o presidente já sabia que a gente ia fazer isso, para a nossa surpresa, ele começou disse: “Olha, eu sei que vocês apresentam os trabalhos, vocês são o máximo, não sei o que, mas quero dizer que a partir de hoje vocês vão poder ser sócios da Federação de Medicina Desportiva”. Aí deu aquele branco geral: “Uau, e agora?”. E aí eu me considero o arremessador da pedra fundamental do Colégio, porque eu perguntei assim: “Bom, legal, nós vamos ser sócios, como nós somos maioria o próximo presidente da Federação de Medicina Esportiva vai ser um professor de Educação Física, o que o senhor acha?”. Quando eu falei isso ele levantou, derrubou a cadeira, fez uma esculhambação geral. Foi legal, nós cinco saímos para outra sala, o Victor já estava preparado com a criação do colégio, falou: “Então está bom, o presidente da Federação acaba de fundar o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte”. E aí formamos logo.... Isso foi em São Caetano, depois fizemos uma reunião oficial em Londrina<sup>50</sup>, onde a gente pegou todo mundo que tinha se reunido também. Fizemos

---

<sup>46</sup> Rio de Janeiro.

<sup>47</sup> Paulo Sérgio Chagas Gomes.

<sup>48</sup> Cláudio Gil Soares Araujo.

<sup>49</sup> Maria de Fátima da Silva Duarte.

<sup>50</sup> Cidade do Paraná.

algumas reuniões na casa do Victor, em São Sebastião, tem umas fotos históricas da criação, e aí oficializamos em Londrina e, daí para frente foi... o Victor foi o presidente, o Claudio Gil, a turma que estava lá mesmo, o Claudio Gil foi vice e eu fui o vice de Educação, não sei como se chamava na época, mas foi para a Educação. E foi isso, começou a primeira gestão, foi essa turma que estava conversando lá com o presidente, desse acidente. Sempre me envolvi, nunca deixei de participar... Fui do Colégio desde sempre, significa desde o primeiro dia, ajudei a fazer Revista<sup>51</sup>, ajudei a levar para a UNICAMP, fui presidente depois em 1985. Porque nos primeiros anos eu fiquei muito, que eu fui vice-presidente da Educação, depois uma gestão do Cláudio Gil que ia para o Rio de Janeiro eu não fiquei, mas eu voltei como presidente eleito do Osmar<sup>52</sup>, eu fui presidente eleito na gestão do Osmar. E aí quando eu assumi, a gente achou... Foi um desastre, isso acho que você sabe, foi um desastre essa história do Cláudio Gil, porque tem sempre essa briga horrorosa Rio-São Paulo, e aí o que aconteceu o Claudio Gil era presidente eleito na gestão do Victor, e virou presidente. Quando ele quis eleger a diretoria, São Paulo se rebelou, e fez uma diretoria de São Paulo, daí o Claudio Gil começou a administrar, ele também não é muito paciente, você ou alguém deve ouvir a opinião dele... [risos] E aí o que aconteceu, ele renunciou e o Osmar assumiu antes da hora, mas ficou claro que essa história de presidente eleito tinha esse perigo, um presidente com uma diretoria em outro lugar, não é possível isso. Então, a gente decidiu que na minha gestão acabaria a história do presidente eleito, como não tinha ainda o estatuto antigo, a Celi<sup>53</sup> era vice-presidente, era presidente eleita, ela renunciou assim que assumiu e criou a coordenação das secretarias regionais, que era a grande mobilização que a gente queria fazer e realmente fez, fez muitos pontos de difusão e foi bem legal. E assim, normalmente ela foi depois a presidente, porque ela era a presidente eleita tinha esse acordo tácito, ela inclusive tinha ido para o doutorado na UNICAMP, como eu era professor da UNICAMP tinha uma sede do Colégio na UNICAMP, e ela fazendo o doutorado.

C.M. – Nessa época que você estava na presidência, desde 1985 até mais para frente, tinha pesquisas das humanidades dentro do Colégio?

---

<sup>51</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

<sup>52</sup> Osmar Pereira Soares de Oliveira.

<sup>53</sup> Celi Nelza Zulke Taffarel.

L.P. – Então, isso é o mito. Na verdade, eu não sei porque, a gente brigou tanto com os médicos no começo, “porque eles eram os torturadores, eles eram a favor da...” Para você ter uma ideia, quando eu assumi... Foi assim, quando foi a democratização, 1985, então, foi em 1985, eu fiz 1985 a 1987, 1983 a 1985 eu fui presidente eleito, mas eu morava no Maranhão ficava longe, mas aí em 1985 eu comecei a ir para São Paulo de novo. Então, esse mito contra os médicos, por causa da fama do Victor também, porque o pessoal falava: “O Colégio do Victor Matsudo”, por conta dele ser o fundador. E aí as pesquisas do laboratório, era de laboratório, tipo dobra cutânea e tal, era tudo isso, e o pessoal que eram *revolucionários*, auto-proclamados, ficavam falando isso. Mas na verdade, eu tenho que restabelecer uma coisa, na primeira gestão do Colégio eu fui o vice-presidente de educação, tinha educação desde o primeiro dia, além de mim tinha a Maria Isabel de Souza Lopes que é socióloga, hoje ela mora em Curitiba, ela foi pró-reitora depois de Maringá. Ela escreveu naquela época já sobre Sociologia e Educação Física e ela está na primeira gestão do colégio, então assim, tinha humanidades desde o primeiro dia. Eu te falei agora, não sei se eu falei para você da Maria Nilde Mascelani, do vocacional. Eu trabalhei no vocacional, isso eu te falei, trabalhei no vocacional, a grande mentora do vocacional era Maria Nilde Mascelani, que aí se puder anotar... A Maria Isabel de Souza Lopes era assessora e parceira da Maria Nilde, então assim, quando eu vi ela vindo para o Colégio eu falei: “*Uau*, a socióloga”. Ela dava aula de Sociologia do Esporte na Fefisa<sup>54</sup>, na Faculdade de Santo André, então assim, ela era uma professora universitária na Educação Física, socióloga, ela não é da Educação Física. A ligação dela com o esporte é que ela foi jogadora de basquete da seleção brasileira, isso foi ótimo, porque eu tinha resistência dos dois lados, eu tinha resistência do pessoal das biológicas e o pessoal da Educação Física e tal. Então, eu lembro da primeira reunião quando eu apresentei a Maria Isabel, eu falei assim: “Essa aqui Maria Isabel de Souza Lopes, socióloga”. Daí o pessoal torceu o nariz “socióloga, o que ela está fazendo aqui, deve ser uma comunista”, sabe aquele papo de Educação Física, você conhece. Daí eu falei: “Olha, ela é a Ziza, da seleção brasileira de basquete” abriu o ambiente, todo mundo: “Ah, uma pessoa que usou short, camiseta e jogou bola”. Pronto, daí foi legal [risos]. Aí chegou a Maria Isabel. Lembra, o primeiro dia de reunião, não é a questão que *depois* as humanidades, não tem nada disso, não, teve desde o começo. Não foi forte, porque a nossa área é do jeito que você sabe, mas que o esforço e o espaço no colégio para a sociologia desde o primeiro dia, das humanidades.

---

<sup>54</sup> Faculdades integradas de Santo André.

Então alguém tem que dizer isso, porque fica a ideia: “Não, depois do Laércio, depois do Laércio teve a guinada”. Não, não teve guinada não, já era.! Nem depois com a Celi, já era, tem que quebrar isso, não sei como. Mas, embora a gente não seja ingênuo, não seja nada disso, não seja bonzinho, o pessoal tenta me descartar assim, mas já tinha.

C.M. – E na área de Educação Física, entre os professores, essas pesquisas de humanidades, fora do CBCE, já existiam também?

L.P. – Tinha... A Maria Isabel, ela escrevia alguma coisa nas reuniões da SBPC. Eu tenho SBPC no meu DNA, assim, eu sou o cara da SBPC e tal. O Hugo Lovisolo<sup>55</sup>, desde que o Hugo Lovisolo veio para o Brasil, ele escreve na SBPC e uma das coisas que eu ainda não consegui fazer no CEV, mas faz vinte anos que está na fila, é resgatar todos esses trabalhos de Educação Física, corpo, lazer, dança, que já foram apresentados na SBPC e o pessoal esquece isso. Já tinha isso, *já tinha*. Durante o movimento... Eu lembro a Maria Isabel apresentou trabalho na SBPC sobre o movimento estudantil da Educação Física, que contestava um monte de coisa e tal, porque na época da ditadura o Lamartine<sup>56</sup> tocava o Esporte Para Todos<sup>57</sup>, e a grande adversária do Esporte Para Todos era a Maria Izabel [risos]. Ela dizia assim: “Passeio a pé pode, fazer passeata não” [risos]. Criamos o Colégio, colegiado, médicos, professores e tal, depois é que eu digo que foi aparelhado pela Educação Física e perdeu a noção. Porque eu venho com DNA da SBPC e foi o colegiado, porque eu imaginava que seria o grande colegiado das Ciências do Esporte, são dezenove Ciências do Esporte, a gente já falou isso e tal, mas o pessoal aparelhou para a Educação Física e perdeu um pouco, perdeu muito na verdade. O primeiro lance desse foi... Tínhamos muito estudante no Colégio, a gente tinha mais sócio no Colégio em 1985 do que hoje, o dobro, esse é o ponto. Quando o país tinha uma porcentagem pequena de habitantes ele já tinha o dobro de sócio, porque eram todas as áreas, de muitos estudantes. Daí começaram a fazer mestrado e doutorado, os *doutores*, eles resolveram na UNESP<sup>58</sup>, porque eles começaram a fazer um Simpósio Paulista de Educação Física. O Colégio era na UNICAMP... Aí talvez tenha um aspecto... estou lembrando disso agora, o Simpósio Paulista era na UNESP, e sempre teve uma disputa entre as universidades paulistas, e aí o

---

<sup>55</sup> Hugo Rodolfo Lovisolo.

<sup>56</sup> Lamartine Pereira da Costa.

<sup>57</sup> Campanha para popularização do esporte da década de 1970.

<sup>58</sup> Universidade Estadual Paulista.

que aconteceu? A UNESP resolveu criar outra sociedade, Sociedade Brasileira para o Progresso da Educação Física. Recebi o convite, eu era presidente do Colégio, mas eu recebi como mestrando na época, ou mestre e tal, daí eu fui para o congresso, para a reunião de fundação, eram todos... Daí tudo que os caras falavam eu já dizia assim: “Olha, isso já tem no Colégio. O Colégio é pra isso, ...”. Mas resultado, eu fui o único voto contra a criação do negócio [risos], e aí eu fui ver a ata, eu recebi todas as atas depois, que morreu essa sociedade, eu recebi todas as atas e, não tem justo a primeira ata em que eu me coloco contra a criação. E eu quero que alguém resgate isso, porque eu estava na reunião e fui contra. Mas aí teve até uma estratégia minha, ingenuidade, eu em vez de pedir para falar primeiro, eu falei por último, quando todo mundo já tinha votado, eu votei. Aí o pessoal veio assim: “Se você tivesse falado primeiro, teria resolvido”, mas aí foi uma estratégia, ingenuidade minha, errei. Mas eu tenho todos os documentos, eu vou publicar essas atas todas. Depois foi a Suraya<sup>59</sup> que é da UNESP que assumiu, a Ana Maria que foi... Que liderou esse movimento da criação da Sociedade, que teve várias publicações, foi a Ana Maria Pellegrini e o Alfredo Faria Júnior<sup>60</sup>. Aí ficou depois na mão da Suraya, na mão do Helder Guerra de Resende, que foi quem me passou as atas para eu ver o que vou fazer, mas eu estou com essa batata quente na mão aí, para mostrar e para registrar a história, falta muita gente... Por isso que eu fiquei alegre quando você estava puxando esse assunto, porque é impressionante, têm mil pessoas fazendo, quinhentas mil pessoas fazendo monografias, ninguém conta essas histórias, a graduação, mestrado, trinta programas, ninguém conta. Então alguém precisa ir lá, entrevistar o Helder, entrevistar o Faria, ver o que eles queriam disso, porque não deu certo, porque eles criaram apesar do colégio, essa é a pergunta que não quer calar [risos], porque eles criaram uma sociedade em vez de dar força para a sociedade que os estava promovendo esses pesquisadores, chamava para mesa redonda.

C.M. – Laércio e sobre as pesquisas de História em Educação Física, o que você via na década de 1970 e 1980?

L.P. – Então... Não tinha muito no colégio, não. Eu não sei, eu preciso rever os anais aí, eu precisava ver o que aconteceu. No CEV eu posso te dizer, porque a primeira lista de

---

<sup>59</sup> Suraya Cristina Darido.

<sup>60</sup> Alfredo Gomes de Faria Júnior.

discussão que a gente criou, a segunda lista, tinha uma geral. A primeira lista específica foi de História com o Victor Melo<sup>61</sup>, então, a gente sentia falta de que precisava quando o Victor topou: “Vamos, porque a gente precisa puxar isso”. Isso foi já na década de 1990. Quando eu estive na UNICAMP em 1986, o Ademir Gebara liderou um grande movimento de história, ele fez aqueles anais<sup>62</sup>, que eu ainda vou conseguir digitalizar e esse movimento do Ademir foi muito bom. Mas o Ademir nunca foi muito próximo do Colégio... Ele liderou muitos trabalhos interessantes de história na UNICAMP, entrevistou muita gente eu lembro que ele fez uma série de entrevistas históricas com pessoal que já morreu e essa documentação em áudio se perdeu, sumiu, não está mais na UNICAMP [risos]. Meu orientador mesmo, do mestrado, que foi o Boaventura<sup>63</sup> que tem uma história importante na Educação Física, ele deu entrevista para o Ademir Gebara e a gente nunca conseguiu recuperar essa história. Mas a minha referência foi só até aí, hoje o Coriolano<sup>64</sup>, que administra a Comunidade História, o Victor continua porque eu insisto, mas ele não tem muito tempo, mas eu acho que ele é um ícone da história, eu me nego a mandar ele embora do CEV [risos].

C.M. – Ótimo. Você foi para a UNICAMP quando? Em 1985?

L.P. – 1986.

C.M. – E nessa época o pessoal que estava na UNICAMP fazendo mestrado era na Educação Física? Mestrado, doutorado.

L.P. – Não tinha ainda mestrado em 1986, não tinha ainda. A gente dava um curso de especialização preparando para o mestrado. E era isso, depois é que teve o mestrado, mas foi um movimento bem interessante. Eu cheguei tarde na UNICAMP porque, por conta da SBPC, eu sabia que um curso sendo criado em 1985 ele não deveria ser de graduação, ele tinha de ser pós-graduação direto, esse foi um bom exemplo do ITA<sup>65</sup>. No ITA quando surgiu a informática todo mundo achava que o ITA ia criar um curso de graduação, e eles

---

<sup>61</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>62</sup> Anais do Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, atualmente Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

<sup>63</sup> Antônio Boaventura da Silva.

<sup>64</sup> Coriolano Pereira da Rocha Junior.

<sup>65</sup> Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

criaram o mestrado, sem ter graduação e essa foi uma grande sacada, porque criar uma graduação você gasta 90% do tempo com burocracia e você se cria uma pós-graduação em uma universidade de nome, como a UNICAMP, você reunia o pessoal melhor do Brasil inteiro na UNICAMP, sem ter o problema de ter a graduação. Mas aí eu cheguei tarde [risos], de qualquer maneira, o Tojal<sup>66</sup>, que criou o curso, ele fez uma coisa bem legal, ele não tinha quadros, e aí por uma circunstância ele fez uma coisa bem interessante, ele falou: “Onde tem gente da Educação Física?” Daí ele foi buscar a Beatriz<sup>67</sup> que estava no doutorado ainda, no exterior, foi buscar o Ademir Gebara que tava fazendo história na Inglaterra, ele pegou o João Freire que estava na Paraíba, o Lino<sup>68</sup> que estava no Maranhão, depois me chamou do Maranhão. Na verdade ele fez, assim, um serpentário, um zoológico muito legal, que trouxe gente de todo o lugar, isso foi uma novidade na Educação Física, porque o costume é a endogenia. A UNICAMP deu um choque importante e eu tenho muito orgulho de ter passado por lá, depois foi Manuel Sérgio, isso quando não estava Manuel Sérgio, Medina, João Freire, o Lino, Marcelino<sup>69</sup>, Bramante<sup>70</sup>, foi algo que marcou época.

C.M. – Nessa época na UNICAMP tinha gente fazendo mestrado e doutorado em outras áreas? Gente da Educação Física fazendo mestrado, doutorado em outras áreas?

L.P. – Em 1986, eu estava fazendo na Comunicação. Não sei se o Lino já tinha entrado na Educação... O João Freire fazia Psicologia na USP... O Lino foi fazer na PUC<sup>71</sup>, acho que ele fez doutorado depois na UNICAMP e um pessoal ligado a UNIMEP<sup>72</sup>. Como os professores originários da UNICAMP, antes da gente chegar eram de Piracicaba<sup>73</sup>, eles entram no mestrado lá e teve um grande movimento da Educação Física dentro do mestrado de Educação de Piracicaba.

---

<sup>66</sup> João Batista Tojal.

<sup>67</sup> Maria Beatriz Rocha Ferreira.

<sup>68</sup> Lino Castellani Filho.

<sup>69</sup> Nelson Carvalho Marcelino.

<sup>70</sup> Antônio Carlos Bramante.

<sup>71</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>72</sup> Universidade Metodista de Piracicaba.

<sup>73</sup> Cidade de São Paulo.

C.M. – Acho que o Amarílio<sup>74</sup> fez essa época, da UFES<sup>75</sup>, na UNIMEP.

L.P. – Eu não sei onde o Amarílio fez o dele. Na UNIMEP também? Porque assim o vice-diretor, que era o cara... Porque o Tojal que cuidava da parte administrativa bem, ele tinha um bom relacionamento com o reitor. Na parte científica quem fazia era o Wagner<sup>76</sup>, eu conversei com o Lino esse fim de semana, ele me reavivou isso que eu não sabia, foi o Wagner que fez o grande movimento de trazer o pessoal, ele ajudava o Tojal nessa parte. Então, quem se aproximou do Colégio trouxe os pesquisadores foi o Wagner Moreira, foi o catalisador desse movimento, que eu não sabia, soube esse fim de semana, eu imaginei que era mais colegiado o negócio, mas parece que foi o Wagner que tomou a frente dele. Então, o Wagner deve ter bastante coisa para dizer nesse sentido. Todos trabalhavam sob a direção e o pique do Tojal, que fazia acontecer.

C.M. – Como você se envolveu com...?

L.P. – Você leu aquelas páginas que eu te falei da tese... Minha trajetória, desde o jornalzinho, parará... Do centro acadêmico.

C.M. – Não, essa não. Eu vi a do pioneirismo como o Leopoldo<sup>77</sup>.

L.P. – Leopoldo escreveu. Então, na minha tese eu fiz uma cronologia disso, pessoal, para justificar porque eu entrei no tema. Então se eu for te falar agora eu vou esquecer alguma coisa, eu vou te lembrar algumas coisas, mas você deve conferir a cronologia daquele tempo com a tua crítica. Eu até te falei que eu não tive coragem de reler porque cometi muitos erros [risos], sim. Mas assim quando eu entrei para a Educação Física, já quando eu fiz o vestibular para Sociologia eu já comecei a escrever com a turma do cursinho, depois quando eu entrei na Educação Física eu fazia o jornal, esse Jornal Opinião que deu polícia, e me envolvi sempre com associação, fazia revista APEF<sup>78</sup>. Quando eu entrei no mestrado eu tentei ressuscitar a revista Esporte e Educação, acho que foi um número marcante,

---

<sup>74</sup> Amarílio Ferreiro Neto.

<sup>75</sup> Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>76</sup> Wagner Wey Moreira.

<sup>77</sup> Leopoldo Gil Dulcio Vaz.

<sup>78</sup> Associação de Professores da Educação Física.

primeiro e último. Mas a matéria de capa era “chegou o mestrado”, eu imaginava que a turma da USP ia alimentar a revista. Mas assim tem esse número da Revista Esporte e Educação, número 44 de 1997, e foi bem legal, porque foi a primeira publicação brasileira que publicou os direitos da criança, foi bem legal, foi esse número. O Victor Matsudo fala de pesquisa, umas coisas legais, e contou a história de como marcou a história do primeiro mestrado, como ele começou. E eu sempre fiquei envolvido, quando eu fui para o Maranhão, eu te falei agora que o secretário deu força, a gente fez uma revista chamada Desportos e Lazer, aí já comecei a trabalhar com o Leopoldo que é um trator, Leopoldo é um tratorzasso, e a gente fez com Leopoldo... Fizemos o índice de um monte de revista, nossa, Boletim da FIEP<sup>79</sup>, revista do Colégio. O computador estava começando, a gente guardou tudo em disquete e perdeu [risos]. Mas esse movimento foi aí. Quando eu me envolvi com o Litto também já foi em Ciência da Informação, aí eu me envolvi com a IASI desde 1980, nesse congresso da Colômbia. Depois do congresso no CEV, que não tinha, achei incrível, eu fui buscar os anais agora na UNICAMP, que eu tinha dado de presente para a UNICAMP e eu pus agora no CEV, o primeiro encontro latino americano. E aí eu vi a programação, realmente eu conheci a turma da IASI lá e é legal. A Renate Sidermann<sup>80</sup>, isso você precisa anotar aí, não sei se você já escreveu sobre ela.

C.M. – Renate?

L.P. – Renate Sindermann. Ela é pioneira, uma das pioneiras da documentação e informação no Brasil. E ela estava programada, ela não conseguiu viajar, mas ela estava no programa desse congresso da Colômbia, então, ela é uma das pioneiras da documentação e informação. A Maria Alice Bastos que é diretora do SIBRADID<sup>81</sup>, ela tinha uma ideia do SIBRADID, e eu criei junto com ela. Porque eu era do Ministério<sup>82</sup>, nessa época eu estava no Ministério, daí a gente jogou fora um milhão e meio de dólares na UFMG<sup>83</sup>, cruel né. Essa história nem precisa contar, nunca... Eu fui depois trabalhar na UFMG, nunca consegui escrever a história e também os diretores fugiam de mim, porque eu estava perguntando sobre isso, eles deixaram o SIBRADID morrer e ninguém conta a história.

---

<sup>79</sup> Federação das Indústrias.

<sup>80</sup> Renate Vera Harff Sindermann.

<sup>81</sup> Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva.

<sup>82</sup> Ministério do Esporte.

<sup>83</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

Hoje eu estou falando bastante com a Meily<sup>84</sup>, eu quero ver se eu motivo alguém lá. No grupo da Meily tem o vice-diretor da Escola de Ciência da Informação.

C.M. – O Adalson<sup>85</sup>?

L.P. – O Adalson. Eu estou tentando convencer o Adalson para escrever a História SIBRADID. Eu já estava conversando com uma professora lá e ela me passou o Adalson, quando eu fui agora visitar a Meily, me surpreendi, eu não tinha prestado atenção, que Adalson está no Centro de Memória<sup>86</sup> também. Então, ficou legal, acho que a gente vai contar um pouco dessa história aí.

C.M. – O SIBRADID ele começou... Porque foi para a UFMG?

L.P. – Então, eu fui assessor do Bruno Silveira. O Bruno Silveira foi o primeiro civil que cuidou da Educação Física no Brasil, sempre era um coronel. Eu estava na APEF São Paulo na época, a revista Corpo e Movimento, a gente fez uma entrevista com ele na revista Corpo e Movimento. E aí me identifiquei com o Bruno, primeiro: ele era o filho do socialista mais preso do Brasil que era o Breno Silveira. Aí eu me insinuei e ele me convidou, eu fui ser assessor dele no Ministério da Educação da SEED-MEC<sup>87</sup>. E aí o que aconteceu? Quando a gente chegou era só coronel para tudo, era o coronel do esporte para todos, o coronel da gestão, coronel não sei o quê, dali juntou todo mundo... A gente não conseguiu mudar a estrutura, juntou todo mundo e falou: “Quais são as questões do Brasil em Educação Física e esporte, hoje?” Aí numa reunião ele listou tudo, e eu fiquei com informação e com crianças. Cada um que assumia um tema, independente de ser subsecretário, assessor tal, ele ia tocar o tema, e eu fiquei de tocar o tema informação. E aí encontrei a Maria Alice, não lembro como agora, mas encontrei a Maria Alice, ela tinha um centro de documentação o CEDOC, Centro de Documentação em Educação Física. E ela tinha na cabeça a ideia de um sistema, aí eu fui falar com ela, escalei uma funcionária para ir comigo e a gente foi, ela era de Belo Horizonte. A ideia da Maria Alice Bastos foi criar um sistema brasileiro de informação esportiva. A minha luta no Ministério, foi que o

---

<sup>84</sup> Meily Assbu Linhales.

<sup>85</sup> Adalson de Oliveira Nascimento.

<sup>86</sup> Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer da UFMG.

<sup>87</sup> Secretaria de Esporte e Educação do Ministério da Educação e Cultura.

pessoal do Ministério, os coronéis que ainda restavam, eles queriam criar o sistema na Escola do Exército, aí chegando na tua pergunta. E a minha luta foi política: “Não, tem que ir para a UFMG”, e aí qual foi o argumento: a Maria Alice Bastos, ela era da IASI na época, onde eu estou hoje, e a Biblioteconomia a UFMG era o melhor curso do Brasil, então assim, ao juntar o melhor curso de Biblioteconomia do Brasil e uma pessoa com tomada internacional na IASI, eu ganhei argumentação de que devia ir para a UFMG. Por sorte o coronel, que era diretor da Escola, também achava legal, apoiou a Maria Alice, a gente fez um movimento aí, deu certo por conta disso. Não foi só minha vontade, não foi só o Bruno, o coronel que era da Escola, controverso o coronel, diga-se de passagem, ele lutou por isso, ele acreditava na documentação, dava força, ele foi importante, nesse ponto. Para não ir para o exército, foi bem legal, “então vai para o Coronel Elos<sup>88</sup>”. A Maria Alice se desentendeu, foi um problema, ela se desentendeu com Biblioteconomia, e aí a gente comprou um computador de quinhentos mil dólares, invés de ir para a universidade foi para a Educação Física, enferrujou o computador, essas coisas que acontecem nas universidades.

C.M. – E como é que tudo isso chega ao CEV?

L.P. – Juntei essas andanças em revistas e sociedades científicas e, intrigado com a gestão da UFMA, fui para o doutorado em Ciência da Informação na ECA-USP. O projeto era *O fluxo de informação técnica e científica em Educação Física no Brasil*. Interrompi o doutorado na ECA<sup>89</sup> pra voltar para o Maranhão e, aposentado, retomei o projeto no doutorado em Educação Física na Unicamp, onde eu tinha sido professor e o Tojal me recebeu como orientando. O Litto também foi como co-orientador. Eu comecei o doutorado fazendo um CD-ROM, eu trabalhava com microfilme, sempre seguindo na Escola de Comunicações e Arte da USP, trabalhei com microfilme, filmei um monte de coisa, depois comecei a fazer CD. A minha ideia quando eu cheguei em 1995 no doutorado, vou fazer um CD para o professor lá do interior do Maranhão receber o CD com todas as informações. Porque a gente recebia em papel vindo de navio pela Venezuela, demorava para chegar, era uma coisa assim cruel. E aí quando eu retomei o doutorado na UNICAMP, que eu fui para o núcleo de informática biomédica, no tempo em

---

<sup>88</sup> Ellos Pires de Carvalho.

<sup>89</sup> Escola de Comunicação e Artes.

que eu era professor em 1987, eu era ainda presidente do Colégio, a gente fez um congresso de informática em Educação Física e esporte, o 1º Simpósio Brasileiro de Informática, quem abriu esse Simpósio foi o Sabatini<sup>90</sup>, que era o Diretor do NIB, Núcleo de Informática Biomédica da UNICAMP. Quando eu voltei para fazer o doutorado, eu fui trabalhar com ele, porque ele já conhecia desde o primeiro congresso, está no CEV esse congresso, essa palestra do Sabatini. O Sabatini ministrava um treinamento de verão no NIB e eu fui fazer ainda pensando no CD. Quando ele explicou o Hospital Virtual vi que seria possível fazer o Centro Esportivo Virtual aproveitando a co-orientação dele. Mudei o projeto para Centro Esportivo Virtual, um recurso de informação em Educação Física na Internet. O Litto e o Tojal toparam e deu certo. O CEV foi um dos oito projetos do NIB. Eu falei: “Não, invés de CD porque não um Centro Esportivo Virtual”. E aí foi um dos projetos do núcleo de informática, o CD que era inicialmente virou, por conta da internet que estava crescendo, virou o Centro Esportivo Virtual, essa criação foi nesse ponto. E o Litto que é professor emérito da USP, foi para a co-orientação, que ele não queria ser orientador.

C.M. – Esses eventos que tiveram sobre a documentação científica, como você fica sabendo do Centro de Memória?

L.P. – Então, eu encontrei com a Janice<sup>91</sup>, e ela estava criando um núcleo de pesquisa em história com um nome meio complicado e eu sugeri: “Centro de memória”. Para a minha surpresa ela trocou e pôs Centro de Memória, então assim, eu ajudei a batizar o Centro de Memória<sup>92</sup> e eu não sei se foi o primeiro o CEME, ou se teve outro, mas eu acho que o nome Centro de Memória que eu ajudei a Janice, aí você deve confirmar com ela, que eu ajudei a batizar, parece que pegou e virou Centro de Memória em outros lugares também.

C.M. – Essa ideia do Centro de Memória, você lembra se veio de algum lugar ou porque Centro de Memória?

L.P. – Porque chamou ou porque foi feito?

---

<sup>90</sup> Renato Marcos Endrizzi Sabbatini.

<sup>91</sup> Janice Zapperlon Mazo.

<sup>92</sup> Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Porque você deu essa ideia do nome ser Centro de Memória?

L.P. – Porque eu já conhecia alguns Centros de Memória, como o da UNICAMP. Gosto de ajudar a criar nomes. Quando começamos a parceria do CEV com Uberlândia a Rossana<sup>93</sup> chamava de Nubraditefe. Ela aceitou o meu palpite e ficou Nuteses<sup>94</sup>. Mais recentemente, quando trabalhei com a Celi e o Ailton no Diagnóstico Nacional do Esporte propus a mudança de apelido de Diagnesp para Diesporte<sup>95</sup> e também aceitaram.

C.M. – Você acompanhou algo da Rede CEDES<sup>96</sup> ou da Secretaria para o Desenvolvimento do Esporte e do Lazer que auxiliou a consolidação dos Centros de Memória?

L.P. – Chegamos a ter um grupo de discussão da Rede CEDES no CEV no começo. Mas a turma do Ministério parece que não gostou. Tínhamos tido um grupo dos autores do Atlas do Esporte do Brasil com mais de 400 participantes, que funcionou muito bem, coordenado pelo professor Ailton Oliveira.

C.M. – Depois disso você acompanhou alguma coisa dos Centros de Memória?

L.P. – Apenas os eventos e o que conversaram na Comunidade História do CEV.

C.M. – E o último assunto, sobre o Congresso de Documentação Esportiva de 2006, como ele foi idealizado?

L.P. – Foram pouco mais de vinte anos na luta pela realização de uma reunião da IASI no Brasil. Os participantes da reunião, dirigentes de centros de documentação pelo mundo, vão por conta própria e, geralmente, levam projetos de parceria. Aproveitamos a vinda

---

<sup>93</sup> Rossana Valéria de Souza e Silva.

<sup>94</sup> Centro de Documentação sobre as Teses e Dissertações nas Áreas de Educação Física e Educação Especial.

<sup>95</sup> Diagnóstico Nacional do Esporte.

<sup>96</sup> Rede Cedex. Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

desses especialistas para a realização do CONBIDE<sup>97</sup>. Temos que registrar o empenho do Secretário Nacional Lino Castellani no apoio do Ministério ao congresso.

C.M. – Esses congressos se preocupavam com a preservação da Memória?

L.P. – O CONBIDE está todo no ar. Tem gente da história e da documentação e informação. A Silvana Goellner<sup>98</sup> falou dos Centros de Memória.

C.M. – Laércio, deseja acrescentar algo mais sobre a formação dos Centros, a preservação da memória do esporte no Brasil ou sobre documentação?

L.P. – Começamos a caminhar com o Atlas Nacional do Esporte e o Diagnóstico Nacional do Esporte - DIESPORTE. Há uma aproximação ainda tímida com o IBGE<sup>99</sup> e com as Associações de Museus. Mas, falta muito. O pessoal dos Centros de Memória deveria formar uma associação.

C.M. – Então Muito obrigada! Foi uma honra.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>97</sup> Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva.

<sup>98</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>99</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.